

RELACIONAMENTOS AMOROSOS EM APLICATIVOS NA PERSPECTIVA ANALÍTICO – COMPORTAMENTAL

Gabriela Florêncio da Silva¹
Renan Aparecido Camargo²
Renato Victorino Delgado³

RESUMO: Os aplicativos de relacionamento vieram a público devido à revolução tecnológica e a modificação comportamental da população a respeito do uso da internet. Diariamente a comercialização e o uso continuam crescendo, possibilitando interação e aproximação de indivíduos com características similares, aumentando o meio de interação social e as possibilidades de vínculos afetivos. Um local com possíveis aberturas para a intimidade e constituição de conexões intensas, dando abertura à possibilidade de longevidade ou finitude. O objetivo desta pesquisa é apresentar como as consequências reforçadoras afetam os comportamentos dos usuários dentro dos aplicativos, possibilitando que estabeleçam relações e vínculos afetivos. As motivações que esses usuários recebem são várias, como: afeição, ato sexual casual, praticidade de diálogo, aprovação do próprio valor, instigação de desejo, elevação da autoestima e predisposição. Além disso, devido às modificações da tecnologia e sociais, a ligação dos indivíduos com suas estruturas físicas, também se modificou. Ao invés do reservado e simples, encontramos um corpo peculiar, com características da fama, sendo uma das pautas mais dialogadas e problemáticas da contemporaneidade. A partir do momento que o sujeito se integra neste mundo, conseqüentemente modifica seu ambiente físico e virtual, passando a apresentar maior repertório para lidar com eventos positivos e reproduzir a padronização encontrada nas redes, a singularidade e a subjetividade dos sujeitos. Por isso, o grande aumento de usuários nos aplicativos de relacionamento e os reforçadores existentes se mostram tão atrativos para a população, nos trazendo informações, mas também conseqüências.

Palavras-chave: Aplicativos; Comportamentos; Interação; Reforçadores; Vínculos.

LOVE RELATIONSHIPS IN APPS FROM THE BEHAVIORAL ANALYTICAL-PERSPECTIVE

ABSTRACT: Dating apps came to light due to the technological revolution and the behavioral modification of the population regarding the use of the internet. Every day the commercialization and use of these apps continue to grow, allowing interaction and approximation of individuals with similar characteristics, increasing the means of social interaction and the possibilities of affective bonds. A place with possible openings for intimacy and the constitution of intense connections, giving rise to the possibility of longevity or finitude. The goal of this research is to present how reinforcing consequences affect users' behavior on apps, enabling them to establish relationships and affective bonds. The motivations these users receive are various, such as: affection, casual sexual act, convenience of dialogue, approval of one's self worth, instigation of desire, elevation of self-esteem, and predisposition. In addition, due to technological and social changes, the connection of individuals with their physical structures has also changed. Instead of the reserved and simple, we find a peculiar body, with characteristics of fame, being one of the most talked about and problematic topics of contemporaneity. From the moment the subject integrates into this world, he consequently modifies his physical and virtual environment, presenting a greater repertoire for dealing with positive events and reproducing the standardization found on the networks, the singularity and subjectivity of the subjects. This is why the large increase of users in social networking

¹ Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Paranaense - UNIPAR. Umuarama - PR, Brasil. E-mail: gabriela.silva.99@edu.unipar.br

² Acadêmico do curso de Psicologia da Universidade Paranaense - UNIPAR. Umuarama - PR, Brasil. E-mail: renan.camargo@edu.unipar.br

³ Docente do curso de Psicologia da Universidade Paranaense - UNIPAR. Umuarama - PR, Brasil. E-mail: renatodelgado@prof.unipar.br

applications and the existing reinforcers are so attractive to the population, bringing us information, but also consequences.

Keywords: Applications; Behavior; Interaction; Reinforcers; Bonding.

LAS RELACIONES AMOROSAS EN LAS APPS DESDE UNA PERSPECTIVA

COMPOTAMIENTO-ANALITICO

RESUMEN: Las aplicaciones relacionales salieron a la luz gracias a la revolución tecnológica y a la modificación del comportamiento de la población en cuanto al uso de Internet. Cada día sigue creciendo la comercialización y uso de estas apps, que permiten la interacción y aproximación de individuos con características similares, aumentando los medios de interacción social y las posibilidades de vínculos afectivos. Un lugar con posibles aperturas para la intimidad y la constitución de conexiones intensas, dando apertura a la posibilidad de longevidad o finitud. El objetivo de esta investigación es presentar cómo las consecuencias de refuerzo afectan a los comportamientos de los usuarios dentro de las apps, permitiéndoles establecer relaciones y vínculos afectivos. Las motivaciones que reciben estos usuarios son varias, como: afecto, acto sexual casual, conveniencia de diálogo, aprobación del propio valor, instigación del deseo, elevación de la autoestima y predisposición. Además, debido a las modificaciones tecnológicas y sociales, la conexión de los individuos con sus estructuras físicas también ha cambiado. En lugar de lo reservado y sencillo, nos encontramos con un cuerpo peculiar, con características de fama, siendo uno de los temas más comentados y problemáticos de la contemporaneidad. Desde el momento en que el sujeto se integra en este mundo, modifica consecuentemente su entorno físico y virtual, presentando un mayor repertorio para hacer frente a los acontecimientos positivos y reproducir la estandarización que se encuentra en las redes, la singularidad y la subjetividad de los sujetos. Por ello, el gran aumento de usuarios en las aplicaciones de relación y los reforzadores existentes son tan atractivos para la población, que nos aportan información, pero también consecuencias.

Palabras clave: Aplicaciones; Comportamientos; Interacción; Reforzadores; Vínculos.

INTRODUÇÃO

O uso da internet é uma preocupação crescente em um mundo cada vez mais conectado. Neste meio, há acesso aos aplicativos de relacionamento, que vieram a público devido à revolução tecnológica e a modificação comportamental da população a respeito do uso da internet. Diariamente, a comercialização e o uso continuam tomando vida, possibilitando interação e aproximação de indivíduos com características similares, aumentando o meio de interação social e as possibilidades de vínculos afetivos.

Evidencia-se uma predisposição dos sujeitos buscarem novas experiências em uma velocidade exorbitante. Adriana Nunan e Maria Amélia Penido (2019) retratam que os milênios trouxeram um estilo de vida novo e com um padrão de consumo alto, em tempos ávidos por novidades, o que vale é viver o momento presente, com urgência para o aqui e o agora. Nesse contexto, a tecnologia tem sido uma grande aliada para facilitar os encontros e a busca por um parceiro, inundando o mercado digital com aplicativos populares em possibilidades de curta distância e aproximação das pessoas.

A extensão das experiências no universo digital é efêmera e os efeitos da tecnologia causam um impacto no comportamento de indivíduos e casais. Nunca foi tão necessário o processo de alfabetizar-se na área 4.0, não só para aprender a usar as ferramentas, mas para entender os códigos das relações humanas no ambiente virtual. Pois, a tecnologia desempenha um papel fundamental nos relacionamentos afetivos, influenciando de forma positiva com a aproximação de pessoas, mas também podendo afetar de forma negativa na criação de conflitos, ansiedade e cobranças excessivas em todo o processo (NUNAN; PENIDO, 2019).

São muitas as vantagens e desvantagens na relação amorosa na era digital. Imprescindível entender as vontades, paixões e os interesses com o uso da internet que assim promova uma interação comprometida com o amor. Uma coisa é certa, nem o amor, nem a internet são para iniciantes, os aplicativos não devem ser vistos apenas como um recurso divertido, mas como uma nova maneira de iniciar novos relacionamentos românticos comprometidos. Com isso, é preciso ter um bom conhecimento sobre as regras do jogo, inclusive, aprender a desenvolver habilidades sociais para uma conexão bem-sucedida, é um dos principais passos (NUNAN; PENIDO, 2019).

De acordo com o estudo do Datafolha (2014), em janeiro deste mesmo ano, cerca de 43 milhões de brasileiros com a idade de 12 anos ou mais usaram o ciberespaço através de seu smartphone. Neste seguimento, podemos observar uma progressiva comutação de vivências na web, pois o meio virtual transformou-se em um dos mais importantes ambientes de interação

e intercomunicação. A ferramenta nos possibilita demonstrar emoções, vontades, marcar encontros, paquerar e até mesmo namorar, algo que antigamente era inviável de se acontecer. Porém, isso não significa que as pessoas estão mais próximas umas das outras (SCHMITT; IMBELLONI, 2011).

AS RELAÇÕES AFETIVAS E CONCEPÇÃO DE AMOR AO LONGO DA HISTÓRIA

As relações amorosas, as formas como os indivíduos se relacionam afetivamente e sexualmente, é determinado e configurado pelo período histórico em que o indivíduo se encontra. No período da Antiguidade as relações afetivas eram remetidas à alegria ao objeto que possuíam, saudade ou sentimento de perda do amor. Uma construção da subjetividade, onde os sujeitos precisavam cumprir com suas necessidades políticas, como o casamento mediante manutenção da família como base da sociedade, dotes, casamentos arranjados e entre outros. Com isso, a separação de um casal era um problema para a sociedade, visto que a mulher não tinha os direitos transpostos hoje (SCHMITT; IMBELLONI, 2011). Em seguimento,

Já nos séculos IX e X, um ponto muito importante na história foi o estabelecimento do Feudalismo, onde um corte fundamental na história e na cultura do mundo é estabelecido. Nesse período as relações amorosas eram estabelecidas de forma que repassasse as relações de poder que existia entre as famílias. Pode-se exemplificar o que foi citado acima com o fato de que nesse período: as heranças das famílias não eram passadas para os filhos dos senhores feudais, ou seja, estes não podiam ter acesso ao dinheiro e bens que os pais deixavam quando morriam, e com isso a única saída era casar o filho mais velho com uma mulher que fosse rica, para que assim a linhagem familiar pudesse continuar e assim herdassem a fortuna que o pai da mulher fosse deixar ao morrer (SCHMITT; IMBELLONI, 2011, p. 2).

Após esse período, no final do século XIX aparece a modalidade de relação afetiva romântica, a presença da eternidade e da fidelidade e também, surge as novas formas de relacionamento, através do movimento homossexual que vem com força após a Segunda Guerra Mundial. Nesse mesmo momento as mulheres começaram a reivindicar os seus direitos à qualidade de vida, participação no mercado de trabalho, independência financeira e a possibilidade de não comprometimento afetivo (SCHMITT; IMBELLONI, 2011).

A sociedade na época que detinha de vínculos poli afetivos passava a buscar a monogamia como ideal, de modo que este sujeito atribuísse vínculo e poder ao outro, decidido pelos pais. Compromissos do tipo “até que a morte nos separe” se transformaram em contratos do tipo “enquanto durar a satisfação”, temporais e transitórios, por projeto e por impacto pragmático, passíveis de ruptura unilateral, sempre que um dos parceiros percebesse melhores oportunidades e maior valor fora da parceria do que em tentar salvá-la a qualquer custo. “[...]”

laços e parcerias tendem a ser vistos e tratados como coisas destinadas a serem consumidas e não produzidas; estão sujeitas aos mesmos critérios de avaliação de todos os outros objetos de consumo” (BAUMAN, 2004, p. 187).

As relações amorosas contemporâneas, se comparadas com as relações do século XIX, tem se mostrado de formas opostas, instigadas por notáveis modificações nos dias atuais, ocasionando a muitos o questionamento real do significado amor. Acredita-se que essa concepção se altera perante as diferentes culturas, religiões, contextos, experiências e entendimentos pessoais de cada ser. Não existe uma definição certa para o amor, seu conceito é atrelado perante a mentalidade do indivíduo que o sente e a vivência. Por mais que haja vários significados atrelados ao amor, a grande maioria deles é corrompida por ideias fantasiosas e idealizadas com excessiva esperança no próximo (ROSSET, 2004).

Encontramos hoje indivíduos instáveis no amor, frágeis e voláteis. Homens e Mulheres enfatizando mais a vida profissional, remuneração e autonomia, do que a relação amorosa, passando os relacionamentos a serem banalizados pela mútua satisfação que pode ser extraída das curtas relações, podendo se iniciar e terminar a qualquer momento. Uma relação que passa ser desinvestida, apenas gratificante em quanto tudo caminha bem para ambos, mas quando isso não ocorre, passa a não ser mais necessário e busca a salvação pessoal do ego de cada sujeito, sacrificando a relação (SCHMITT; IMBELLONI, 2011).

As interações entre duas ou mais pessoas se articulam perante ação mútua de controle e contra controle, onde uma interação harmoniosa não se esquiva desta situação. Desta forma, encontra-se apenas comunicação quando tem a existência concreta no meio dos indivíduos, pois, no momento que não há presença de estabilidade, terá prepotência, sujeição e desinteresse. Ao ocorrer esta estabilidade terá educação, reciprocidade, até mesmo divergências, porém sem mágoas, mas sempre com ausência de prepotência e desinteresse (GUILHARDI, 2004).

A comoção do amor está ligada de modo direto com o propósito de ser adorado, ao individualismo. Desta maneira, o indivíduo que gosta começa a entender que sua existência é exclusivamente dependente da afeição da pessoa que ama. Assim, ele explora o sentimento do amor, perante um olhar antagônico do individualismo e da subordinação, com uma existência conduzida pelo outro e pela dependência, dado que nossa satisfação esteja presa à comparência do amor, que tem a opção de ser mútuo ou não (ROSSET, 2004).

Importante ressaltar que, Falcke e Zordan (2010) examinaram o posicionamento de maiores de idade a respeito do sentimentalismo, construir uma família, matrimônio e realização de atos sexuais, relacionando convicções, interesses e desejos de mulheres e homens. Hoje em dia, há menos exigências sociais para o casamento do que em outras épocas. A escolha pelo

casamento e o que caracteriza essa relação é uma opção e uma determinação de cada um. É evidente que ainda assim, para algumas pessoas, o ato matrimonial continua sendo almejado, entretanto não é uma prioridade, pois, muitos preferem a construção das relações sem o rótulo do compromisso. Por mais que a afeição tenha uma grande importância, hoje não é mais compreendida como permanente e privativa.

A EVOLUÇÃO DA TECNOLOGIA NAS REDES E APLICATIVOS DE RELACIONAMENTO

Em 2006 foi registrado o uso de 32,2 milhões de pessoas à internet no Brasil, em residências, trabalhos, escolas, locais públicos e muitos outros. Esse número no ano seguinte cresceu e continua crescendo, posicionando o Brasil como o maior usuário mundial de navegação em tempo médio por internauta. A difusão crescente do uso da internet tem produzido transformações notáveis no cotidiano do habitante de grandes centros urbanos, apontando para novas demandas e desafios (COSENTINO, 2007).

Segundo Magalhães (2010 *apud* SUZANNA, 2018), o setor do espaço e da tecnologia é representado pela máquina, a interação social consegue alcançar bastante autenticidade com resultados de reprodução autêntica da relação física. A fusão que ela oferece, resulta na aproximação de realidades totalmente diferentes, trazendo à tona várias possibilidades recentes que conseguem atravessar futuristas maneiras de interagirmos em companhia. Além disso, a comunicação virtual associada a esta evolução contínua, tem como objetivo produzir um vínculo de forma que interligue o meio físico e as possibilidades de reproduzir consciência à sociedade, onde a comunicação mostra muita eficiência com a veracidade, tornando-se uma concepção original do vínculo corporal (CEZAR, 2019).

Mais que uma expansão do espaço privado, virtual e físico, o ciberespaço é uma expansão do lugar público, onde o computador pode ser experienciado como objeto de fronteira e passagem entre o indivíduo e o outro. Proporcionando entrada para um ambiente virtual compartilhado entre diversas pessoas, com inúmeros indivíduos que podem interagir, produzindo, desenvolvendo e apresentando conhecimentos, subjetividades, imagens e identidades diversas. Assim sendo, o ciberespaço pode ser considerado um universo capaz de comportar a expressão dos pensamentos, sentimentos, emoções, sensações e fantasias, como uma via de expressão humana. Fazendo dela um veículo de comunicação poderoso e abrangente, como um meio pelo qual os indivíduos se mantêm conectados e manifestam suas ideias e ações (COSENTINO, 2007).

Um dos meios de relacionamento encontrado na sociedade atual são os relacionamentos online, que favorece vários meios de experimentação de relacionamentos, tendo em vista que os parceiros não são percebidos por aquilo que são, mas por aquilo que aparentam ser. Havendo assim, um controle da situação, através de um marco nessa sociedade, de possibilidades e os intensos interesses em controlar tudo. Consequente, a sociedade atual, tem uma característica fundamental no individualismo, sustentada pelo capitalismo e pela tecnologia presente (SCHMITT; IMBELLONI, 2011).

Percebe-se nessas últimas décadas a constituição de um novo ambiente, onde o que ocupa um lugar fundamental é a fragmentação da subjetividade e a relação do sujeito com o seu objeto modificado. Não permitindo mais aos indivíduos ficar triste ou frustrado, pois, o valor das pessoas está naquilo que aparentam ser e não no que realmente são, consagrando-se assim cada vez mais o individualismo. Uma sociedade que a descartabilidade, a liquidez dos relacionamentos, exaltação da quantidade ao invés da qualidade, onde os indivíduos valem mais pelo que aparentam ser no exterior do que realmente são no interior, ocorrendo assim muitos fracassos nessas relações (SCHMITT; IMBELLONI, 2011).

O amor hoje em dia está baseado só na atração sexual e na realização do ato, encontrados nos relacionamentos instantâneos e no ficar, um amor não duradouro, sem interação ou vínculo. Diminuindo assim cada vez mais as relações interpessoais, aumentando mais e mais a comunicação pela tecnologia, que infelizmente distanciam cada vez mais as pessoas, proporcionando ao sujeito que se relacione sem precisar se envolver emocionalmente com o outro, eliminando compromisso e a dependência, pois o relacionamento com o outro está somente há um clique (SCHMITT; IMBELLONI, 2011).

Deste modo, a fluidez dos relacionamentos está representada pela incerteza e a insegurança. As pessoas ao mesmo tempo que buscam relações mais íntimas, também buscam se desvencilhar dos laços que por ventura essas relações podem trazer para cada um. Sendo assim, vários instrumentos são utilizados nessas relações, como por exemplo: sites que prometem encontro, chats de relacionamentos ou até mesmo manuais que prometem trazer um parceiro através de 10 passos. Tudo isso para encontrar um parceiro ideal, como se fosse uma mercadoria que pode se acessar na prateleira do supermercado, e caso não esteja em perfeito estado de conservação, não correspondendo com as expectativas de cada um, basta abrir mão e descartar, partindo assim para uma nova busca, através de um novo clique (BAUMAN, 2004).

Até por que, existe hoje a necessidade desenfreada de consumo, já não sendo fabricados mais para que durem, por conta da necessidade acelerada de rotatividade de bens. Sendo necessário que todo e qualquer produto seja, em um curto espaço de tempo, reinventado pelo

seu fabricante, com novos modelos, novas utilidades e novos designs, sem importar o preço. E infelizmente isso reflete na vida real, não há constância nos hábitos de reforma ou conserta, mas sim na troca de algo que se estragou, jogando fora substituindo por um novo. Importando apenas não o produto que simplesmente funcione, mas o poder de escolher, comprar e possuir o que é atual, que acabou de ser lançado no mercado (BAUMAN, 2004).

As mudanças nos papéis de homem e mulher, que ocorreram nesse período foram de substancial importância para esses tipos de relacionamentos amorosos, a facilidade com que hoje as relações podem ser rompidas, é lógico que tem uma grande influência da tecnologia. Através de diversas ideias que foram criadas, de felicidade, beleza, aquisição, noções de tempo e de espaço foram ampliadas e modificadas, porém, parece que a sociedade ainda assim se esqueceu de que os indivíduos vivem num mundo real, com diversas dificuldades, poder de lutar e superação cada vez mais altas para que se consiga sobreviver, e não em um mundo fabricado, de conto de fadas (SCHMITT; IMBELLONI, 2011).

Muitas pessoas optam por estes modos de relacionamento, pois para muitos há uma dificuldade do desenvolvimento de vínculos pessoalmente, assim, através dos aplicativos de relacionamento muitos apresentam um constrangimento menor, possibilitando uma construção de relações existentes, mesmo que não venha a dar seguimento para a vida fora do online. As motivações que esses usuários recebem são várias, como: afeição, ato sexual casual, praticidade de diálogo, aprovação do próprio valor, instigação de desejo, elevação da autoestima e predisposição (NUNAN; PENIDO, 2019).

Um dos grandes responsáveis por esse intenso e intrigante mundo dos relacionamentos é a mídia, que exerceu e ainda exerce a aplicação da ideia sobre os relacionamentos e comportamentos. Uma sociedade marcada pela cultura da imagem, satisfação instantânea, valorização de bens de consumo e comodidade. Onde os indivíduos são usados como bens e objetos, enquanto estão em perfeito estado valem, caso não esteja mais em perfeito estado, são descartados como objetos, independente de causar dor, sofrimento ou desgaste, pois é possível desconectar e conectar a qualquer momento (SCHMITT; IMBELLONI, 2011).

PADRONIZAÇÃO DA BELEZA E CORPOS PELA REDE

Devido às modificações da tecnologia e sociais nas circunstâncias atuais, a ligação dos indivíduos com suas estruturas físicas, também se modificou. Ao invés de ser reservado e simples, encontramos um corpo peculiar, com características variáveis, que recebeu fama e transformou-se em uma das pautas mais dialogadas e problemáticas da contemporaneidade.

Toda essa concentração em cima de um corpo acontece pelo fato de estarmos vivendo em uma comunidade sinalizada pela atuação da aparência, designada por como a comunidade do espetáculo e o que contém nas imagens têm influência direta com a subjetividade do indivíduo que a integra (BAUMAN, 2004).

Consequente, o físico é uma construção social e do ponto de vista da cultura tem influência retilínea da sociedade, que tem o poder de determinar modos para sua adaptação ao que é fisicamente belo e chama a atenção. A existência corporal está imbuída no contexto social e cultural, por onde as relações sociais são elaboradas e vivenciadas. Diante disso, um campo com inúmeras possibilidades de pesquisas, dentre elas, as investigativas acerca das representações e dos imaginários, no âmbito individual e coletivo acerca do corpo. Desse modo, de acordo com Le Breton, em seu livro “A Sociologia do Corpo”, de 2006 aparecem progressivamente mais maneiras de mudá-lo fisicamente e esteticamente, com a intenção de confirmar a adaptação aos padrões ditos e usados como modelo (ANDRADE, 2007).

O corpo é visto atrelado as mudanças econômicas e sociais da época, analisando através de elaboração das construções identitárias do grupo social, com uma constelação de fatos para reforçar suas posições teóricas. Além disso, o corpo é composto de técnicas corporais, gestualidade, etiqueta corporal, expressão de sentimentos e percepções sensoriais, ou seja, a relação com o corpo vai além da dimensão biológica. Visto que é através da corporeidade que as interações e os rituais são elaboradas, os inúmeros estímulos que o corpo consegue recolher a cada instante é função do pertencimento social do ator e de seu modo de inserção cultural. Até mesmo a dor é vista como uma construção social e cultural, com percepções individuais, mas também coletivas (ANDRADE, 2007).

Não é de hoje que somos sistematicamente submetidos a um forte apelo pela valorização da estética. Abrimos revistas, ligamos a TV, olhamos outdoors e lá estão expostos corpos esqueléticos como ideal de perfeição feminina, sem falar do culto à malhação, imagens que pouco refletem os padrões reais da grande maioria da população. As singularidades de cada sujeito são deixadas de lado e o corpo que é vendido pelos canais da mídia se tornam algo instituído, vendido como produto. A cada dia proliferam academias, clínicas de estética, novos tratamentos e tanta informação de novas propostas que, se não houver senso crítico, somos levados a querer experimentar tudo ou, pior ainda, sentimos nossa autoestima despencar (MENEZES, 2006). Além disso,

Através dos meios midiáticos nos deparamos com um padrão de beleza, beleza essa que é vista como a ideal e mais saudável, influenciando os indivíduos, principalmente os adolescentes a seguir a todo custo esse padrão. Estes acabam partindo para meios como anabolizantes, cirurgia plástica, fazem dietas muito rigorosas para alcançar tais

medidas. Em muitos casos essa busca incessante pelo corpo “ideal” acaba gerando transtornos físicos como: a bulimia, anorexia e psicológicos, que é a não aceitação ao seu corpo, baixa autoestima. A mídia na maioria das vezes, é vista como principal meio de influência negativa, e isto é percebido por diversos autores. No entanto, o oposto não é discutido, pois como a mídia influencia diretamente as ações dos indivíduos, poderia ser utilizada para fins de conscientização perante estes problemas (transtornos alimentares, corpo como indústria estética, problemas sociais). Baseado na revisão de literatura é perceptível que existe um grande número de pessoas atingidas pelos padrões de beleza impostos pela mídia, causando, muitas vezes, doenças psicossomáticas e problemas de convívio social. É de extrema importância que sejam realizadas, cada vez mais pesquisa afim de atualizar a sociedade sobre o assunto. Este estudo pode auxiliar o profissional de psicologia no tratamento de pacientes com queixa de baixo autoestima e auto aceitação (JESUS et al, 2016, p. 4).

Se você não está dentro deste tipo determinado, será excluído da sociedade. Nessa busca, os caminhos muitas vezes são os mais controversos possíveis, o que se percebe é que muitos buscam a todo custo atingir padrões que muitas vezes não condizem com seu biotipo, abusando das dietas milagrosas, das fórmulas mágicas de remédios e do excesso de exercícios físicos. Em um determinado momento os excessos poderão ter uma consequência danosa ao organismo, prejudicando a vida profissional ou pessoal do indivíduo. Na busca do corpo ideal, pessoas querem a todo o custo se adaptar aos padrões reinantes, e visando um resultado rápido recorrem a grandes cirurgias de correção e implantes, em processos que muitas vezes submetem o paciente a diversos tipos de procedimentos (MENEZES, 2006).

IDENTIDADE DE GÊNERO EM CONSTRUTO DAS RELAÇÕES

Ao longo dos anos, a sexualidade deixou de ser vista somente como feminino e masculino, inibindo a divisão de homem e mulher. A sapiência, junto ao progresso da humanidade e ao conhecimento do indivíduo, mostrou uma carência de ser ele mesmo, o que realmente é, identificando, satisfazendo seus pensamentos e suas vontades de ser livre, expressando seus sentimentos como e com quem quiser. Trazendo um aprendizado a respeito da fração biológica e as interrogações de gênero, onde o homem e a mulher, não são mais ligados ao sexo. Junto a essa forma de pensar, manifesta-se a concepção da orientação sexual envolvendo a representação particular, regular e relativa da sociedade (CARDOSO, 2008).

De acordo com Rios e Piovesan (2004), a orientação sexual é a forma que a pessoa se atribui a alguém em função da direção de seu comportamento ou atração sexual, se esse se mostra a um indivíduo do mesmo sexo, declara-se sua orientação homossexual; caso se mostre a uma pessoa do sexo oposto, declara-se heterossexual, se for pelos dois, declara-se bissexual. Assim, a orientação é referente a definição da atração sexual da pessoa, se pelo oposto, pelo mesmo, ou até mesmo pelos dois.

VISÃO ANALÍTICO COMPORTAMENTAL

A Psicologia tradicionalmente tem sido descrita como uma ciência da mente humana, examinada pelos pesquisadores através do relato verbal dos sujeitos humanos, qual a estrutura e o modo de interação dos processos conscientes, sejam objetos de estudo de uma ciência psicológica na época. Conhecida hoje como um manifesto behaviorista, no qual anuncia o rompimento com a forma de fazer psicologia até então estabelecida. De modo que, agora substituía a consciência pelo comportamento dos organismos, método adequado para levar a experimentação adiante (CARVALHO NETO, 2002). Posto isso,

Na década de 30 do século 20, B. F. Skinner iniciou seus trabalhos em Psicologia em duas frentes durante o seu doutoramento: de um lado, realizou uma pesquisa histórica e conceitual sobre a noção de “reflexo” na Fisiologia e na Psicologia (uma tentativa de dar uma roupagem operacional ou estritamente funcional ao termo e adotá-lo como ferramenta explicativa em sua ciência). De outro, criou e adotou recursos metodológicos e técnicos em uma ampla linha de pesquisa experimental em laboratório (as duas facetas são apresentadas de forma clara em Skinner, 1938/1966). Some-se a isso que o interesse de Skinner na Psicologia, como atesta sua própria autobiografia (Skinner, 1979), também foi fortemente marcado pela possibilidade de intervenção social (Andrey, 1990), o que fica mais evidente com a publicação de sua novela utópica “Walden II” (Skinner, 1948/1971) e de vários artigos sobre educação (ver Skinner, 1972), que acabaram por conduzi-lo ao seu “Technology of Teaching” (“Tecnologia do Ensino”) (Skinner, 1968a). Note-se, então, que em Skinner também há diferentes modalidades de conhecimento convivendo no mesmo espaço. Em 1945, Skinner (1945) chama a sua versão de Behaviorismo de “Behaviorismo Radical” e o faz especialmente para diferenciar-se do Behaviorismo de Bering e Stevens, a quem chama de behavioristas, apenas, “metodológicos”. O Behaviorismo Radical seria a filosofia por trás da Ciência do Comportamento que ele estava tentando erguer e que deveria no futuro substituir a própria Psicologia, profunda e irremediavelmente impregnada por pressupostos metalistas. Tal ciência foi chamada de “Análise Experimental do Comportamento”. Recentemente, Tourinho (1999) sugeriu uma reorganização terminológica para os diversos saberes behavioristas de tradição skinneriana. De acordo com a sua estrutura, a área ampla seria chamada simplesmente de Análise do Comportamento (AC). O seu braço teórico, filosófico, histórico, seria chamado de Behaviorismo Radical. O braço empírico seria classificado como Análise Experimental do Comportamento. O braço ligado à criação e administração de recursos de intervenção social seria chamado de Análise Aplicada do Comportamento (CARVALHO NETO, 2002, p. 2).

Compreende-se que a Análise do Comportamento tem como procedência behaviorista o pensamento trazido por Skinner, além de aplicar a filosofia behaviorista radical para embasar sua teoria, utiliza a Análise Experimental do Comportamento como método de investigação empírico para construir o seu conhecimento a respeito do comportamento humano e a Análise do Comportamento Aplicada à forma de intervenção (CARVALHO NETO, 2002). Segundo Sampaio (2005), Skinner passou a investigar o comportamento operante ao analisar a interação entre organismo e ambiente a partir de métodos de observação, partindo da suposição de que o

comportamento é determinado, submetido à previsão e controle. Assim, Skinner chegou ao conceito de comportamento operante como sendo os que produzem consequências, ou seja, mudanças no ambiente e passam a ser afetados por essas consequências. Em complemento,

O termo “Análise” explicita que o objetivo dessa ciência está estreitamente vinculado a uma tradição reducionista e indutiva, ou seja, acessar inicialmente o todo complexo pela investigação minuciosa de suas partes. Obviamente, trata-se apenas de um primeiro passo na investigação. A finalidade dessa ciência não é separar e manter os aspectos estudados eternamente separados e desconectados em sua simplicidade cômoda, mas pouco realista. Trata-se de uma opção metodológica com fins claros e data de vencimento definida. Avançar gradativamente rumo ao complexo é o objetivo final, e fazer isso significa ampliar o número de variáveis estudadas e entender como se dá a interação entre o maior número possível desses eventos. O comportamento é um sistema complexo e precisa ser compreendido enquanto tal. Há uma esmagadora quantidade de variáveis a se considerar, mas ainda assim é possível identificar regularidades na complexidade. [...] O termo “Experimental” diz respeito à produção do conhecimento de forma empírica que adota um planejamento de manipulação de variáveis em um contexto controlado e deliberadamente simplificado e artificial. Identificar relações funcionais equivaleria a identificar que variáveis antecedentes e consequentes afetariam, e como, a frequência de uma classe de respostas. A última fração seria “do Comportamento”. Aqui fica explicitado qual o objeto de estudo a ser alvo da “Análise Experimental”. O comportamento em si mesmo seria o legítimo objeto a ser examinado e desvendado. Comportamento, por sua vez, seria a interação entre um organismo, fisiologicamente constituído como um equipamento anatomofisiológico, e o seu mundo, histórico e imediato. Os diversos intercâmbios entre o organismo e o seu mundo seriam tratados aqui por “comportamento” ou “ação”. (CARVALHO NETO, 2002, p. 4-5).

Através das relações operantes, é que aprendemos nossas habilidades e a ser como somos. Visto que, operante é todo comportamento para o qual não se identifica um estímulo eliciador, ou seja, não é um reflexo causado ele é então é como uma cesta de lixo: o que não couber na definição de respondente, é classificado como operante. Além disso, há uma perspectiva anteposto, onde apenas os comportamentos que alcançarem funções relacionadas à adaptação do ambiente irão fazer parte do repertório comportamental do sujeito. Nesse sentido, as consequências dos nossos comportamentos, poderão funcionar como reforçadoras ou punitivas, determinando em algum grau se eles ocorrerão novamente ou não, ocorrendo de forma natural na maioria das vezes, sem que nos demos conta do processo (TODOROV, 2002). Skinner ressalta que,

Uma resposta que já ocorreu não pode, é claro, ser prevista ou controlada. Apenas podemos prever a ocorrência futura de respostas semelhantes. Desta forma, a unidade de uma ciência preditiva não é uma resposta, mas sim uma classe de respostas. Para descrever-se esta classe usar-se-á a palavra “operante”. O termo dá ênfase ao fato de que o comportamento opera sobre o ambiente para gerar consequências. As consequências definem as propriedades que servem de base para a definição de semelhança de respostas. O termo será usado tanto como adjetivo (comportamento operante) quanto como substantivo para designar o comportamento definido para uma determinada consequência. (Skinner, 1953, p. 71 *apud* TODOROV, 2002, p. 124)

A análise do comportamento tem seu estudo fundamentado na relação do indivíduo com o ambiente, buscando compreender quais são os estímulos eliciadores ou evocativos de uma resposta. O comportamento de um indivíduo hoje é resultado de dois processos semelhantes de seleção por consequências. Pois, para o indivíduo, a constituição genética determina seu repertório incondicionado e as consequências de suas ações sobre o ambiente, determinam quais serão suas respostas repetidas no futuro (TODOROV, 2004).

A história do indivíduo parte da história da espécie, cada indivíduo age sobre seu ambiente e sua ação é modificada por suas consequências sobre o ambiente. O que é no nascimento um repertório predominantemente reflexo, com padrões de ação fixos e característicos de cada espécie, amplia-se com o desenvolvimento do repertório operante. Em certos casos o comportamento operante evolui diretamente de um respondente, como o sugar o seio materno nos mamíferos. No nascimento o sugar é basicamente reflexo, e pode ser eliciado por um toque nos lábios do bebê. Rapidamente passa para o controle operante e tem todas as características das respostas mantidas por suas consequências (TODOROV, 2004).

Segundo Todorov (2004, p.1), “no reflexo cada estímulo estava ligado a cada resposta pelo sistema nervoso. Comportamentos complexos eram vistos como cadeias de reflexos, intrincadas interconexões de neurônios”. Os estímulos em um ambiente podem apresentar propriedades reforçadoras positivas ou negativas: o reforço positivo produz aumento na probabilidade do que seguiu ocorrer em decorrência de um estímulo eliciador, já o reforço negativo ocorre quando um estímulo aversivo é retirado do comportamento. Além disso, o conceito de punição pode ser definido como positivo e negativo, sendo elas: punição positiva uma variável aversiva acrescentada a uma situação a fim de reduzir um comportamento, enquanto na punição negativa uma variável gratificante é removida para reduzir um comportamento (GUILHARDI, 2004). Visto que:

Uma comunidade é uma entidade, com vida própria. Irá sobreviver ou perecer, e o planejador deve manter isso em mente. O problema é que a sobrevivência muitas vezes é facilitada por comportamentos que não apenas não são reforçados, mas que também podem ter consequências punitivas (ou mesmo letais). Contingências filogenéticas de sobrevivência fornecem exemplos. Quando um membro de uma manada de animais que está pastando percebe a aproximação de um predador e solta um grito de alerta, seu comportamento aumenta a probabilidade do grupo escapar e sobreviver, mas o membro que grita o alerta chama a atenção do predador para si e pode perecer. Contingências ontogenéticas de reforço funcionam da mesma maneira: a cultura induz o herói a morrer por seu país ou o mártir por sua religião. Por quê uma cultura iria se preocupar com sua sobrevivência? Sobreviver para quê? Como sabemos que uma cultura está evoluindo para a direção certa? Questões como essas mostram um mal-entendido a respeito da natureza da evolução, biológica e cultural. Os processos de mutação e seleção não requerem, e podem não fornecer, qualquer projeto prévio do estado para o qual conduzem (Skinner, 1969, p. 40-41 apud TODOROV, 2004, p. 154).

“Comportamentos respondentes podem interagir com outros comportamentos no nosso dia a dia, sendo especialmente importantes para se explicar os sentimentos ou as emoções” (GUILHARDI, 2004, p. 201). A importância das emoções dentro de uma ciência psicológica é uma questão que deve ser investigada. As descrições científicas não mudam a natureza dos fenômenos descritos, tampouco uma ciência natural do comportamento ignora os fenômenos internos. As emoções para a análise do comportamento estão intercaladas a um possível movimento de ação por um comportamento, pois as emoções envolvem respostas reflexas aos estímulos. Conseqüentemente, existem fenômenos que ocorrem sob a pele do organismo, não como causa do comportamento, mas como parte das relações funcionais em si. Uma ciência do comportamento deve lidar com esses eventos sem presumir que tenham uma natureza especial (GUILHARDI, 2004).

APLICAÇÃO ANALÍTICA COMPORTAMENTAL EM RELACIONAMENTOS AFETIVOS

As conseqüências reforçadoras são resultado de comportamentos obtidos em contextos socialmente verbais, o processo de identidade de cada indivíduo é construído em relação direta com suas vivências e relações sociais ao longo de sua formação. Pois, o homem é em grande parte responsável pelo ambiente em que vive. Mudou o mundo físico para minimizar as propriedades aversivas e maximizar os reforços positivos, e construiu sistemas de governo, religião, educação, econômicos e psicoterápicos que promovem contatos pessoais satisfatórios e o tornam mais habilidoso, informado, produtivo e feliz. Ele está engajado em um exercício gigantesco de autocontrole, e como resultado tem cada vez mais tornado real seu potencial genético (Skinner, 1969 *apud* TODOROV, 2004).

“Comportamentos respondentes podem interagir com outros comportamentos no nosso dia a dia, sendo especialmente importantes para se explicar os sentimentos ou as emoções”. (GUILHARDI, 2004, p. 201). Portanto, está evidenciada a concepção de que as emoções para a análise do comportamento estão intercaladas a um possível movimento de ação por um comportamento, pois, as emoções envolvem respostas reflexas a um estímulo eliciador. A pessoa pode ficar sob controle do próprio comportamento e de estados corporais, sem atentar para os aspectos do ambiente externo a ela, que produzem tais comportamentos e estados. Desta maneira, frequência aumentada de batimentos cardíacos, dores na nuca, zumbido no ouvido, “sensação de estranheza no corpo” etc. podem controlar a pessoa e funcionar como estímulos

discriminativos para verbalizações sob controle da baixa frequência de comportamentos que, provavelmente, foram mais fortes no passado (GUILHARDI, 2004).

Normalmente, a pessoa não relaciona os estados corporais à atuação de contingências coercitivas, as quais produzem comportamentos operantes de fuga-esquiva e, ao mesmo tempo, eliciam reações respondentes. Os respondentes são sentidos e priorizados exercendo maior controle e se tornam para a pessoa “sintomas”, com função pré-aversiva, aos quais anunciam desfechos aversivos. Da mesma maneira, a frequência reduzida dos operantes não é causada por depressão, nem por estresse, mas por contingências de reforçamento em que houve redução importante na quantidade e qualidade dos reforçadores positivos, ou aumento exagerado na razão de respostas por reforço, ou introdução de controle aversivo (GUILHARD, 2004).

Grande parte dos usuários dos aplicativos não possui reforçadores sociais, tornando o espaço da internet um ambiente livre para formar um perfil que seja aceito pela grande rede de massa. Atos como falar em público e expressar suas emoções têm atribuições aversivas regularmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidencia-se o grande número de usuários em aumento gradativo nos aplicativos de relacionamento, mediante os reforçadores existentes nos mesmos, que se mostram tão atrativos para a população, como solucionadores de bloqueios pessoais para o mundo fora do online. Com o uso desses aplicativos podemos ressaltar como os modelos de relacionamentos mudaram por completo nesta nova era, o contato físico não é mais necessário, o matrimônio não é mais uma prioridade, mas sim uma opcional e o que conhecíamos como uma “regra” hoje se enquadra no passado.

Além disso, podemos identificar as influências positivas e negativas do uso desses meios de comunicação na subjetividade do indivíduo, ao qual, são fatores que afetarão o sujeito em questão devido as suas ações, reações e comportamentos. A sociedade atual, está composta por indivíduos que possuem medos do estabelecimento de vínculos mais profundos com as pessoas, posto a grande incerteza, insegurança que a atualidade mostra e impõe. Além das possibilidades de alterações futuras cada vez maior nas relações.

Em contrapartida, importante enaltecer o benefício que a internet trouxe, através de seu desenvolvimento de comunicação, ao ponto de construir relações através de acesso direto com pessoas que moram em cidades, estados ou países diferentes. Muitos prezam que a rede pode contaminar as singularidades dos sujeitos, outros acreditam que os indivíduos têm a opção

de se deixar ser dominado ou não. Os aplicativos estão em alta na contemporaneidade ganhando um espaço cada vez maior, nos trazendo informações, mas também consequências, onde cabe ao indivíduo caracterizar como estas prerrogativas positivas ou negativas afetarão a sua vida e as suas relações sociais.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Cristiane Batista. **A sociologia do corpo**. Cadernos de Saúde Pública [online], v. 23, n. 2, p. 484-485, 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-311X2007000200029>>. Acesso em: 31 jul. 2022.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BRASIL. **Datafolha – Instituto de Pesquisas**. Folha de S. Paulo, 2014.
- CARDOSO, Fernando Luiz. O conceito de orientação sexual na encruzilhada entre sexo, gênero e motricidade. **Interam. j. psychol.**, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 69-79, 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-96902008000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 31 jul. 2022.
- CARVALHO NETO, Marcus Bentes. **Análise do comportamento: behaviorismo radical, análise experimental do comportamento e análise aplicada do comportamento**. Interação em Psicologia: Universidade Federal do Pará, p. 13-18, 2002.
- CEZAR, Layon. Carlos. **Comunicação e marketing no setor público: diferentes abordagens para a realidade brasileira**. Brasília: Enap, p. 98, 2019.
- COSENTINO, Leonardo Antonio. Relacionamentos na era digital: expressão no ciberespaço. **Psic. Rev. São Paulo**, vol. 16, n. 1 e n.2, p. 203-207, 2007.
- FALCKE, Denise; ZORDAN, Eliana. Amor, casamento e sexo: opinião de adultos jovens solteiros. **Arq. bras. psicol.** Rio de Janeiro, v. 62, n. 2, p. 143-155, 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672010000200013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 31 jul. 2022.
- GUILHARDI, Hélio José. **Terapia por Contingências de Reforçamento**. Instituto de Terapia por Contingências de Reforçamento: Campinas – SP, Roca, 2004.
- JESUS, Rosemeire et al. **A Influência dos padrões de beleza impostos pela mídia**. Universidade de São Judas Tadeu: SP, 2016.
- MAGALHÃES, Patrick Leandro. **Influências da evolução tecnológica na comunicação humana: estudo das redes sociais**. Belo Horizonte: Universidade FUMEC, 2010.
- MENEZES, Jorge Antônio. Ditadura da beleza. **Epistemo-Somática**. Belo Horizonte, v. III, nº. 02, p. 265-267, 2006.
- NUNAN, Adriana; PENIDO, Maria Amélia. **Relacionamentos amorosos na era digital**. São Paulo: Editora dos Editores, p. 138, 2019.
- RIOS, Roger; PIOVESAN, Flávia. **A discriminação por gênero e por orientação sexual**. Seminário Internacional – As Minorias e o Direito, Cadernos do CEJ, p. 22, 2004.
- ROSSET, Solange Maria. **O casal nosso de cada dia**. Curitiba: Sol, 2004.

SAMPAIO, Ângelo; AUGUSTO, Silva. **Skinner: sobre ciência e comportamento humano**. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 25, n. 3, p. 370-383, 2005. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-98932005000300004>>. Acesso em: 31 jul. 2022.

SCHMITT, Sabine; IMBELLONI, Michelle. **Relações Amorosas na Sociedade Contemporânea**. *Psicologia.pt – O portal dos Psicólogos*, p. 9, 2011.

TODOROV, João Cláudio. A evolução do conceito de operante. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 18, n. 2, p. 123-127, 2002. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-37722002000200002>>. Acesso em: 31 jul. 2022.

TODOROV, João Cláudio. Da Aplysia à Constituição: Evolução de Conceitos na Análise do Comportamento. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2004.